

I

o que advém do texto é a construção da frase;

o que advém do espaço é o seu sentido;

o que advém da manhã é o sentimento de perda;

o que advém da noite é o recomeço da frase interrompida;  
assim cogitando caminhava

e abri a porta que dava para o teu rosto legente.

Não disse nada, a ouvir nos teus olhos  
o som da rua que entrava pelas janelas.

Sentei-me nos lugares dispersos do teu silêncio, e esperei  
por ele

\_\_ uniu-se a mim como o oxigénio e o hidrogénio  
se unem em forma de água,  
numa união tão rara, imponderável e banal  
como os nossos corpos unidos a ler \_\_

voltaremos à imagem da água.

Deixei de ouvir qualquer rumor e apaguei, sem poder  
dissolvê-la, a frase \_\_\_  
o indispensável caía no mesmo lugar do sentido;

um dos animais que dependem de mim entrou pela porta en-  
treaberta,  
e ergueu seus olhos fendidos de felídeo para os meus.  
Eram verdes, subitamente,  
fizeram sublinhar a noite escura  
onde mal se distinguia quem viera na espessa noite, na espes-  
sa esperança

o que eu estava a pensar e por escrever só teria sentido se al-  
guém  
viesse sublinhar a noite escura com seus olhos verdes;

em si mesmo, o pensamento o era pouco claro, arbitrário,  
e até, talvez, pouco convincente,  
mas surgiu a frase, uma frase humana,  
um olhar trocado com alguém que viera, como eu,  
da áspera matéria do enigma,  
e o texto começou,

legente,           o mundo está prometido ao Drama-Poesia.

## II

\_\_\_\_\_ eu nasci em 1931, no decurso da leitura silenciosa de um poema. Só havia tecidos espalhados pelo chão da casa, as creanças ingênuas de minha mãe. Estavam igualmente presentes as páginas que os leitores haveriam de tocar (como a uma pauta de música), apenas com o instrumento da sua voz. Eu fui profundamente desejada. Profundamente mal desejada e com amor.

— A voz está sozinha — disse minha mãe, ainda eu estava no seu ventre, a ler-me poesia.

— Não por muito tempo — responderam àquela que me iniciava na língua. E eu nasci na sequência de um ritmo.

Eu nasci para acompanhar a voz, fazê-la percorrer um caminho. De um lado a outro do percurso, não sei o que existe, o caminho caminha,

eu deslumbro-me quando o tempo se suspende,  
e me permite parar a contemplar o espaço sem tempo. Como, de resto, é evidente, não tive intenção de conceber-me. Dei comigo já sentada no quarto das sombras com uma perspectiva de descida aos infernos diante dos olhos. Ninguém estava à altura de receber-me, nenhuma relação era exacta para me tornar equilibrada, ou útil. No quarto das sombras a luz entra-va a jorros por duas grandes janelas de sacada mas eu habita-

va aí, não ultrapassava o limiar do corredor que possuía uma passadeira de oleado negro e brilhante porque, diziam, havia um fantasma acororado à entrada e que, afinal, nada mais era do que, a certas horas do dia, o volume rutilante do sol no oleado. Descobri que se, em vez de me concentrar na sombra do corredor, me deitasse de costas a olhar a mancha rutilante, o meu olhar poderia realizar o caminho inverso da luz e pousar no ramo mais alto da árvore e aprender com esta a produzir clorofila — a primeira matéria do poema.

Essa postura, no entanto, tornou-me malcriada. Eu deveria crescer na direcção do corredor, e estava a crescer na direcção da árvore. Estive quase a dar ouvidos a essa voz humana que insistia que eu estava a crescer mal. E, de facto, era uma postura estranha. O meu corpo permanecia deitado, *no chão do quarto*, enquanto o meu olhar aprendia a fazer poemas. Com o tempo, como seria aquele corpo, separado da poesia, ou com esta apenas a brotar do seu olhar? Tanto mais que, lá do alto, o poema via tudo de cima e quase nada via do que se passava em baixo, à volta do seu corpo, não sentia a dor que este sentia, a sua falta de espaço e de movimento, a pressão exterior que o impelia a entrar no corredor e ser menina,

escrevia apenas que esse mal era uma metáfora. Foi quando a copa da árvore, um plátano imponente, lhe começou a ensinar a descer da árvore, a descer da cidade vegetal que era até à cidade humana, igualmente iluminada pelo sol.

— É Paraseve, a cheia de graça — disse ao poema em que meu olhar crescia: — Desce até ela.

Foi a segunda descoberta do olhar — na clorofila não há metáfora. O corpo ouviu e traduziu para as suas necessidades

de movimento\_\_ em Parasceve, não há descida aos infernos.  
Há ritmo, há espaço, há voz.

A sensação de subir e de descer, de ascender e de mergulhar,  
esta sensação ondulatória permanente que me arrasta o corpo  
tornou-se o verbo com que dedilho o espaço da cidade,  
e que a move, em sentido inverso \_\_ a correr irresistivelmente  
para o poema.

Se vim para acompanhar a voz,  
irei procurá-la em qualquer lugar que fale,  
montanha,  
campo raso,  
praça de cidade,  
prega do céu \_\_ *conhecer o Drama-Poesia desta arte*. Sentir  
como bate, num latido, na minha mão fechada. Como, ao entardecer, solta, tantas vezes, um grito súbito: — Poema, que me vens acompanhar, por que me abandonaste? — Como me pede que não oiça, nem veja, mas me deixe absorver, me deixe evoluir para pobre e me torne, a seu lado, uma espécie de poema sem-eu.

Em silêncio e cega,  
deixo que me dispa da claridade penetrante,  
da claridade nova,  
da claridade sem falha,  
da claridade densa,  
da claridade pensada,  
me torne um fragmento completo e sem resto  
para que passem a clorofila e a sombra da árvore. Assim, realizando eu própria um texto

e acompanhando-o,  
constatei que a noite em breve se iria pôr,